



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

APOIO



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

JUVENTUDE E A MISOGINIA: ANÁLISE DA COBERTURA

JORNALÍSTICA SOBRE A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA INTERNET

Vitória Gomes dos Santos Guajajara; vitoria.guajajara@discente.ufma.br (autora)¹

Laiza Cristina de Sousa Rego; laiza.cristina@discente.ufma.br (coautora)²

Leila Lima Sousa; sousa.leila@ufma.br (orientadora)³

RESUMO

O artigo procura analisar de que maneira portais de notícias constroem narrativas sobre a misoginia entre adolescentes e jovens adultos crescente nas redes sociais, identificando tendências de estigmatização, naturalização da violência e ausência de aprofundamento estrutural a partir de um mapeamento de notícias e reportagens. Foram analisadas vinte matérias, sendo dezesseis notícias, quatro reportagens e uma lista nos eixos: juventudes, violência de gênero e jornalismo. Identificamos que o jornalismo pode e deve atuar para além do canal de denúncia, mas como um instrumento de produção de conhecimento e de conscientização crítica no enfrentamento da violência de gênero.

PALAVRAS-CHAVE

Juventude. Misoginia. Interseccionalidade. Internet.

¹ Graduanda do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

³ Professora doutora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão - Imperatriz.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



INTRODUÇÃO

A crescente presença de jovens nas redes sociais tem sido acompanhada por um aumento de debates públicos sobre discursos de ódio, racismo, homofobia, radicalização e misoginia no ambiente digital e fora dele. A presença constante ao longo dos anos de casos noticiados pela imprensa brasileira e internacional evidenciam como a juventude tem sido associada à reprodução de práticas violentas contra mulheres.

Dados da Safernet (2022) mostraram um aumento de 67,5% nas denúncias de crimes de ódio na internet, incluindo especificamente a misoginia, além de racismo e LGBTQIAPNfobia (Safernet, 2022)⁴.

A forma como esses episódios são narrados pelo jornalismo não apenas informa, mas também produz enquadramentos e interpretações sociais sobre a ocorrência. Além de construir posicionamentos e compreensões sobre o fenômeno.

Refletindo sobre isso, este texto busca analisar como os jovens e a misoginia são representados em conteúdos publicados em *sites* jornalísticos nacionais, a partir de um mapeamento de notícias e reportagens.

Este estudo integra o projeto "Juventude, Gênero e Violência: Análise da Cobertura de Reportagens em Veículos de Imperatriz", desenvolvido na Universidade Federal do Maranhão, e procura analisar de que maneira portais de notícias constroem narrativas sobre essa temática, identificando tendências de estigmatização, naturalização da violência e ausência de aprofundamento estrutural. Para alcançar esse propósito o artigo se desdobra nos seguintes objetivos específicos: **1.** mapear as matérias que abordam juventude e misoginia, juventude e violência de gênero, especificamente no período de 2023 a 2026; **2.** classificar os conteúdos segundo os

⁴ PINHEIRO, Regina. Crimes de ódio na internet tiveram aumento de quase 70% no primeiro semestre, 10 out. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/10/10/crimes-de-odio-na-internet-tiveram-aumento-de-quase-70-no-primeiro-semester> . Acesso em: 15 fev. 2026.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

APOIO



eixos: juventudes, violência de gênero e jornalismo; **3.** quantificar as abordagens predominantes por exemplo: factual/policial, reflexão, prevenção, estruturalização; **4.** identificar se há presença ou ausência de interseccionalidade (raça, classe, território); **5.** analisar se os conteúdos reforçam o estigma juvenil ou promovem protagonismo.

A análise proposta parte da ideia de que o jornalismo, ao selecionar determinadas fontes e priorizar o viés policial, em detrimento de uma abordagem mais ampla e aprofundada, pode acabar por naturalizar estereótipos que reduzem a juventude a uma categoria relacionada ao perigo e a delinquência. A concepção da juventude como problema social nasce na década de 1980 e se estende até o início dos anos 1990, segundo apontam os estudos de Reguillo (2000). É neste período em que as narrativas sobre os jovens como delinquentes, violentos e como problema social ganha força, sobretudo no tocante ao combate e ao problema da drogadição. Essa representação avança sobre as épocas e constitui-se como um fundamento que situa a construção dessa categoria como ameaça, justificando processos de coerção, vigilância e controle social (Reguillo, 2000).

Ao focar apenas no fato consumado da agressão, muitas vezes as matérias negligenciam o ecossistema digital onde esses jovens estão inseridos, ignorando as bolhas de radicalização e os mecanismos de cooptação que operam em fóruns e redes sociais. Além disso, também deixam de problematizar os movimentos crescentes de ódio às mulheres que encontram na internet, um cenário potente para a propagação de discursos e práticas de violência de gênero.

Portanto, investigar os enquadramentos escolhidos pelos veículos de circulação nacional permite compreender se a mídia está contribuindo para o enfrentamento da violência de gênero ou se está propagando o silenciamento das causas estruturais da misoginia em face da espetacularização do crime.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



jornalistas não apenas transmitem informações, mas produzem e reproduzem conhecimento, o que implica uma responsabilidade ética na forma como os fatos são narrados.

No entanto, essa produção está inserida em contextos históricos e culturais que frequentemente limitam a diversidade de perspectivas e dificultam abordagens mais sensíveis à complexidade da violência contra a mulher. Historicamente, as redações jornalísticas foram organizadas a partir de modelos profundamente marcados por relações de gênero.

Conforme Silva (2014, p. 496), atributos como atividade, força, coragem e seriedade são socialmente construídos como qualidades masculinas e valorizados no exercício do jornalismo, o que contribui para a legitimação de hierarquias que posicionam os homens em cargos de maior prestígio e poder. Ainda que as pesquisas sobre o perfil do jornalista brasileiro (Lima et al, 2021) apontem que as mulheres assumem a maioria dos cargos ocupados nas redações, elas ainda são minoria nos espaços de decisão, com pouco poder para modificar narrativas ou problematizar com maior frequência temas relacionados a violência e desigualdade de gênero.

Nesse cenário, Cardoso (2015) argumenta que a mídia, ao naturalizar discursos hegemônicos de masculinidade, contribui para a manutenção da ordem patriarcal, legitimando desigualdades e invisibilizando experiências femininas que fogem a esse padrão. Ainda que haja um aumento da presença de mulheres nas redações jornalísticas, como apontam os estudos de Nascimento (2020), persistem barreiras estruturais e editoriais que dificultam a construção de uma cobertura mais equitativa e alinhada à defesa dos direitos das mulheres.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

APOIO



Este texto analisa matérias publicadas durante o período de três anos, 2023 a 2026, com o objetivo de identificar como as narrativas jornalísticas atuam na cobertura do tema violência contra as mulheres na internet. É um trabalho inicial, que busca fazer um mapeamento das principais notícias publicadas e quais temas prevalecem. Adiante apresentamos os veículos e matérias analisadas.

METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

De forma inicial, o mapeamento identificou vinte matérias publicadas entre 2023 e o início de 2026 em vinte e dois *sites* jornalísticos nacionais como O Imparcial, Folha de Pernambuco, Revista AzMina, A Gazeta do Acre e Metrôpoles. De modo geral, observou-se predominância de matérias de caráter factual, sendo dezesseis notícias, textos que consistem em relatos breves e objetivos sobre acontecimentos atuais, três reportagens, com maior profundidade e polifonia, e uma lista, artigo organizado em forma de itens com informações. Todas com foco em episódios pontuais de violência ou envolvendo jovens e discursos misóginos.

Quanto aos eixos de juventudes, violência de gênero e jornalismo, todos os conteúdos coletados foram revisados levando em consideração os seguintes subtópicos dentro dessas bases: como os jovens são representados, em que recorte, como a violência de gênero de fato é retratada, se o enquadramento é reflexivo ou factual e se de fato há responsabilidade social no texto. Dentre as notícias que são a maior parte dos conteúdos encontrados existe um equilíbrio dos jovens como produtores e vítimas de um discurso que vem crescendo e influenciando esses indivíduos negativamente, embora não tendo um aprofundamento significativo, é como um retrato do problema e de suas consequências não distantes representado nos textos.

São exemplos concretos: “Como comunidades *redpill* e *anti-woke* capturam jovens para redes de ódio”⁵, do Jornal da USP, que fala sobre comunidades de ódio que

⁵ CUGLER, Ergon. **Como comunidades *redpill* e *anti-woke* capturam jovens para redes de ódio**. Jornal USP, 20 mai. 2025. Disponível



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



Tabela 1: Temas abordados

Título da matéria	Veículo	Data	Autores
Como o Tiktok alimenta a misoginia entre adolescentes brasileiros	Revista AzMina	03/04/2025	Flávia Santos e Sofia Schureig
'Por suposto respeito à privacidade, adolescentes estão morrendo ou cometendo crimes graves na internet'	G1	13/04/2025	Por BBC
Adolescente de 13 anos mata avô a tiros e atira no avô por causa de celular	Diário do Pará	29/06/2025	Clayton Matos
Adolescentes sem supervisão online enfrentam sedução da misoginia digital	Periódico UEPG	09/06/2025	Anna Perucelli
Ameaças a escolas cresceram 360% nas redes sociais, diz pesquisa	CNN Brasil	11/06/2025	Beto Souza
No Discord, criminosos violentam e humilham meninas menores de idade	Fantástico	25/06/23	Por Fantástico
Influenciadores faturam alto com vídeos misóginos no Youtube	Folha de Pernambuco	13/12/24	Agência Brasil
Moda dos vídeos falsos gerados por IA alimenta o sexismo na internet	Folha de Pernambuco	01/09/25	AFP
TikTok ajuda a "normalizar" misoginia entre meninos adolescentes, mostra estudo	Folha de Pernambuco	09/02/24	Agência O Globo
Incels brasileiros pregam feminicídio e massacres na dark web	Metrópoles	27/03/25	Artur Rodrigues

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2026



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



Tabela 2: Demais temas abordados

Título da matéria	Veículo	Data	Autores
Quem são os incels, (...)	ContilNet	21/03/2025	BBC Brasil
9 questões relevantes tratadas na série “Adolescência”	O Imparcial	16/04/2025	Tiago Freitas
MEC lança cartilha para enfrentamento à violência on-line	Gov	18/12/2024	Assessoria de Comunicação Social do MEC
Adolescente detido tinha foto e CPF (...)	Diário do Nordeste	31/08/2025	Redação
Character.AI proibirá que menores conversem com IA (...)	ACrítica.com	29/10/2025	AFP
Como comunidades redpill e anti-woke capturam jovens para redes de ódio	Jornal USP	20/05/2025	Ergon Cugler
21 dias de ativismo: com foco no combate à violência digital, (...)	CNJ	20/11/2025	Jéssica Vasconcelos
'Pela primeira vez na História, machismo é maior entre mais jovens', diz pesquisadora	G1	20/06/2025	Por BBC
2025, o ano da educação midiática no Brasil	Folha de S. Paulo	18/12/20 25	Mariana Mandelli

Fonte: elaborado pelas autoras, 2026

A tabela 2 sinaliza que outros temas aparecem, especialmente relacionados ao teor educacional e com discussões sobre a regulamentação das plataformas. Porém, ainda em menor número se comparado ao registro factual. Boa parte dos textos analisados nessas outras categorias trazem contextualização com base em elementos audiovisuais como a Série Adolescência que aborda o tema da misoginia entre adolescentes do gênero masculino e também são trazidas notícias sobre regulamentação do uso de redes sociais e de plataformas de IA, com resultados positivos em outros países.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



A generalização por parte da mídia, conforme observado no quantitativo das categorias analisadas, costuma negligenciar o fato de que a radicalização não ocorre isoladamente, mas sim, em um meio complexo de vulnerabilidade. Ao focar apenas em um desfecho de violência e discurso de ódio, acaba por ignorar a ausência de políticas públicas de regulação das mídias digitais e de culpabilização da lógica algorítmica. Ignora-se o algoritmo das plataformas que lucram com o engajamento, bem como a ausência de medidas legais no ambiente digital.

As programações desenvolvidas para algoritmos digitais de redes sociais como *Instagram* e *Facebook* atuam reproduzindo as lógicas machistas, masculinas, brancas e heterossexuais. De alguma forma, acabam aprisionando as pessoas em estereótipos construídos e naturalizados historicamente, relacionados a gênero, raça, classe social, sexualidade. Efendy Maldonado (2019) interpreta que os processos midiáticos e comunicacionais estão vinculados pela lógica algorítmica, os quais alteram a percepção e a composição do espaço-tempo.

Segundo reportagem de 2025 do site G1, **37,5% das brasileiras sofreram algum tipo de agressão nos últimos meses**⁹, de acordo com pesquisa do Datafolha encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. O índice é o maior da pesquisa **Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil**, iniciada em 2017, e representa um aumento de 8,6 pontos percentuais em relação ao levantamento de 2023.

Vivendo em uma sociedade atravessada por desigualdades de gênero históricas e as violências contra a mulher cada vez mais naturalizadas, a formação das novas gerações não pode ser vista como apenas responsabilidade individual ou restrita ao

⁹ ACAYABA, Cíntia. **21,4 milhões de brasileiras sofreram algum tipo de violência nos últimos 12 meses, diz pesquisa**. G1 SP, 10 mar. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/03/10/214-milhoes-de-brasileiras-sofreram-algum-tipo-d-e-violencia-nos-ultimos-12-meses-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 2 mar. 2026.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



espaço estudantil. É preciso reconhecer que os discursos, imagens e narrativas que circulam socialmente também participam da construção de consciências.

Assim, observar o que esses indivíduos consomem e subsequentemente reproduzem não é um gesto de vigilância moral, mas de responsabilidade coletiva diante da transformação das estruturas sociais. Ainda, a programação dos algoritmos atua de forma a naturalizar e reproduzir preconceitos e narrativas marginalizantes. A internet é um ambiente onde, cotidianamente, o racismo, o discurso de ódio e a segregação racial são amplamente disseminados. Uma reportagem publicada pelo *site TheMakup*, intitulada O Portal de anúncios do Google equipara "garotas negras" a *pornografia*⁴⁰, levanta o debate já trazido em investigações que mostram como o buscador hiperssexualiza pesquisas sobre "garotas negras", ligando-as à pornografia (YIN; SANKIN, 2020, *online*, n/p).

A *Keywords Planner do Google*, ferramenta que permite que anunciantes escolham e planejem termos-chave de pesquisa para associarem a determinados anúncios, foi acusada de apresentar sugestões pornográficas quando a busca realizada partia de expressões "garotas negras", "garotas latinas" e "garotas asiáticas". Quando a mesma pesquisa foi realizada com o uso das expressões "garotas brancas" e "garotos brancos", a associação a pornografia não aconteceu (YIN; SANKIN, 2020, *online*, n/p).

Ainda que possuam políticas para proibir os discursos de ódio, as redes sociais como Facebook e Instagram são acusadas de tratar ataques a pessoas brancas ou homens da mesma forma que interpreta os ataques às pessoas negras e mulheres, sem levar em conta o racismo e a lógica de funcionamento dos sistemas de opressões sociais (SOLON, 2020).

Mesmo que grande parte das notícias examinadas apresentem limitações referente a contexto, não é a extensão do material que define a qualidade, mas o grau de compreensão da realidade que promove. Uma amostra perceptível é a do veículo



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



Folha de Pernambuco: “Influenciadores faturam alto com vídeos misóginos no Youtube”¹⁰ expando dados relevantes para compreender a estrutura do problema, de 13 de dezembro de 2024. O texto aponta sobre como o discurso misógino se tornou um negócio lucrativo para alguns influenciadores digitais trazendo uma das perspectivas para o crescimento gradual da misoginia entre adolescentes e jovens adultos.

Dos materiais analisados, destacamos, ainda, a reportagem “**Como o Tiktok alimenta a misoginia entre adolescentes brasileiros**”¹¹, publicada pela Revista AzMina, em 03 de Abril de 2025, escrita por Flávia Santos e Sofia Schureig que se diferencia por apresentar dados estatísticos, pesquisa realizada pela própria instituição, depoimentos de pais e mães de adolescentes e especialistas variados para contextualizar e refletir sobre o assunto. A matéria investiga como o algoritmo do *TikTok* foi programado pela plataforma para expor adolescentes brasileiros a conteúdos misóginos de forma gradual, influenciando sua visão de mundo e reforçando estereótipos de gênero prejudiciais. Ela ainda aborda os conteúdos recebidos com linguagem fácil e expando exemplos por meios visuais do que está sendo dito, ressaltando a problemática.

A falta de debate sobre masculinidades no cotidiano, em casa, na escola e nas relações, acaba sendo preenchida por conteúdos online que reforçam estereótipos. Essa influência na adolescência pode ter consequências a longo prazo, aponta a psicóloga Denise Neiva. Há mais chances de, na vida adulta,

¹⁰ AGÊNCIA BRASIL. **Influenciadores faturam alto com vídeos misóginos no Youtube**. Folha de Pernambuco, 13 dez. 2024. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/influenciadores-faturam-alto-com-videos-misoginos-no-youtube/378746/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

¹¹ SANTOS, Flávia; SCHUREIG, Sofia. **Como o Tiktok alimenta a misoginia entre adolescentes brasileiros**. Revista AzMina, 3 abr. 2025. Disponível em: [Como o TikTok alimenta a misoginia entre adolescentes brasileiros - AzMina](#). Acesso em: 20 fev. 2026.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



se tornar alguém que comete microagressões ou violência psicológica e física contra as mulheres. (SANTOS; SCHUREIG, 2025, on-line)¹²

A reportagem também menciona os diferentes conjuntos de famílias brasileiras e suas nuances, como mães solo que findam não possuindo tempo suficiente para executar esse monitoramento de forma eficaz e reforça a responsabilidade da plataforma de enviar conteúdos que ferem as diretrizes para o *feed* destes jovens.

Mesmo que o feminismo lute por um mundo mais justo para as mulheres, a desconstrução do machismo e da misoginia é responsabilidade de quem está no centro do problema: os homens. Segundo Caio César, cientista social e pesquisador de masculinidades, é urgente alcançar os meninos antes que eles sejam capturados por discursos violentos e extremistas. (SANTOS; SCHUREIG, 2025, on-line)¹³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo neste texto foi investigar os enquadramentos de episódios de violência de gênero associados à juventude na cobertura jornalística de *sites* nacionais. Com base no mapeamento das matérias publicadas entre 2023 e 2026, foi possível identificar a predominância de conteúdos de caráter factual, centrados em episódios pontuais de violência ou em discursos misóginos disseminados nas redes sociais, sem aprofundamento deste como um problema social e de responsabilidade coletiva, sobretudo de quem programa os algoritmos, de gestores de redes sociais e de comunidades juvenis que propagam o discurso de ódio ao gênero feminino e às mulheres.

A cobertura jornalística atua oferecendo visibilidade ao problema, mas falha no avanço sobre a contextualização social do fenômeno e na problematização sobre o

¹² SANTOS, Flávia; SCHUREIG, Sofia. **Como o Tiktok alimenta a misoginia entre adolescentes brasileiros**. Revista AzMina, 3 abr. 2025. Disponível em: [Como o TikTok alimenta a misoginia entre adolescentes brasileiros - AzMina](#). Acesso em: 20 fev. 2026..

¹³ SANTOS, Flávia; SCHUREIG, Sofia. **Como o Tiktok alimenta a misoginia entre adolescentes brasileiros**. Revista AzMina, 3 abr. 2025. Disponível em: [Como o TikTok alimenta a misoginia entre adolescentes brasileiros - AzMina](#). Acesso em: 20 fev. 2026..



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



avanço dos discursos de ódio às mulheres nas redes sociais. Aspectos estruturais sobre os marcadores sociais da diferença na formação das masculinidades, tais como raça, gênero, território e classe, não são elementos de análise nos textos midiáticos, tampouco na identificação sobre como esses marcadores também podem ser determinantes na vulnerabilização das vítimas de tais discursos e práticas de violência. Os textos analisados tratam apenas do registro dos fatos situando a juventude como agente da violência ou como elemento de risco. Há também uma carência na problematização sobre o funcionamento das plataformas de mídia social e a regulação de mídias.

Por outro lado, alguns exemplos discutidos nesse texto evidenciam que alguns *sites* jornalísticos têm atuado de forma crítica, aprofundada, articulando dados, vozes especialistas e complexificando os fatos. Assim, identificamos que o jornalismo pode e deve atuar para além do canal de denúncia, mas como um instrumento de produção de conhecimento e de conscientização crítica no enfrentamento da violência de gênero.

Este texto pode ser ampliado e aprofundado redirecionando o recorte temporal e os veículos analisados de modo que abre possibilidades para que investigações futuras tragam outros debates sobre o tema. Ainda assim, os dados nos permitem argumentar sobre a necessidade de práticas jornalísticas plurais, aprofundadas, que possam ir além do registro dos fatos e que sejam capazes de formar e informar sobre mecanismos para o enfrentamento dos problemas sociais, especificamente a violência de gênero.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



REFERÊNCIAS

CARDOSO, Isabela Cristina Barros. Discursos sobre violência sexual contra a mulher no webjornalismo e nas redes sociais. 2015. 150 f. **Dissertação** (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

YIN, Leon; SANKIN, Aaron. Google Ad Portal Equated “Black Girls” with Porn. **TheMakup**. 23 de julho de 2020.
<https://themarkup.org/google-the-giant/2020/07/23/google-advertising-keywords-black-girls>

LIMA, Samuel Pantoja et al. **Perfil do Jornalista Brasileiro 2021**. Florianópolis: Insular, 2022.

MALDONADO, Alberto Efendy. Epistemologia e metodologia da pesquisa em comunicação: perspectivas latino-americanas. São Paulo: **Intercom**, 2019.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? In: **Conferência nos Cursos da Arrábida - Universidade de Verão**, 1997. p. 1-13. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso em: 25 de março de 2026.

PEREIRA, Claudia Nolasco de Abreu. Violência contra a mulher e mídia: um estudo sobre a influência da mídia nas violências cometidas às mulheres do município de Macaé/RJ. 2011. 76 f. **Monografia** (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio das Ostras, 2011.

REGUILLO, Rossana. **Emergencia de culturas juveniles: estrategias del desencanto**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2000.

SILVA, Márcia Veiga. **Masculino, o gênero do jornalismo: Modos de produção das notícias**. Florianópolis: Insular, 2014.

SOUSA, Nayara Nascimento de. Entraves para a produção jornalística com perspectiva de gênero a partir da feminização do jornalismo no Brasil. 2022. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

SOLON, Olivia. Facebook ignored racial bias research, employees say. **NBC News**. 23 de julho de 2020.